



HESPAÑHA—A VILLA DE PENHA.

Na provincia de Navarra, a nove leguas da sua capital e a duas leguas de Merindad de Sanguensa, se encontra pela parte do sul a fragosa serra de Penha, que se levanta do meio de formosas campinas, que a rodeiam pelo norte e pelo sul; e quasi na sua maior altura, pelo lado de este, se vê, levantado do terreno circumjacente talvez outenta metros, um disforme penedo, ou antes uma montanha, isolada entre as imminencias que pertencem á mesma cordilheira, povoadas de frondosos arvoredos. Este serro enorme tem novecentos metros de comprimento do norte a sul, e tresentos na sua maior largura de este a oeste. Sobre tão elevada posição edificaram os antigos navarros uma povoação. O seu fim foi talvez acolher-se a um ponto em que facilmente pudessem defender-se das aggressões de qualquer genero. E realmente era impossivel escolher melhor: porque a situação da villa de Penha é verdadeiramente formidavel.

Nos primitivos tempos habitavam aquelle serro isolado mais de outocentas almas, e a villa de Penha era defendida, não só pela natureza, como tambem por um castello ou torre circular, e alguns pequenos baluartes, cujos restos ainda existem, e podem observar-se na gravura.

Hoje tem apenas uns doze fogos, em outras tantas casas, incluindo a do cura, que é de boa fabrica. São

os habitantes da villa de Penha mui pobres; entretanto resignados se sujeitam a viver n'aquelle sitio, agreste e frigidissimo em quasi todo o anno, sem parecer desejarem a conversação dos povos commarcãos, e cultivando com grande difficuldade um solo ingrato. A unica cousa que interrompe a monotonia do seu triste viver é a visita dos viajantes, assim nacionaes, como estrangeiros, que todos, se acertam de passar ali proximo, não deixam de subir ao afamado cabeço, que é sem duvida uma das curiosidades naturaes mais notaveis de toda a Navarra.

O VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT.

III.

Nos primeiros annos de frequencia na universidade, o sr. Garrett passou por um estudante de não commum talento, sem que ninguem adivinhasse que estava ali tambem o poeta, que depois e tão cedo havia de honrar, resuscitando-as, as verdadeiras musas portuguezas. No terceiro ou quarto anno um acontecimento doloroso para a universidade veio dar occasião para que se revelasse o que até então havia escapado á noticia da academia. Um cathedratico, o doutor Fortuna, veio n'aquelle anno a fallecer. Era o

professor em extremo popular entre a mocidade academica. O sr. Garrett tomou d'ahi pretexto para lamentar-lhe a morte, e celebrar-lhe o saber e as virtudes em uma composição elegiaca, que tornando-se logo conhecida, a todos patenteou o talento de seu auctor, e lhe augurou desde logo um futuro auspicioso na poesia nacional. A semelhança de Cervantes, que dera os primeiros indícios do seu genio n'uma poesia elegiaca, o sr. Garrett erguia-se poeta de sobre a lousa, onde fôra pagar a um mestre seu os affectuosos respeito do discipulo.

Pouco depois a tragedia *Xerxes* foi a primeira composição mais grave em que o sr. Garrett manifestou o quanto era, e o paço que valia, e poderia valer um dia, um estro predestinado pela Providencia a effectuar a mais larga e bem succedida revolução até hoje effectuada na litteratura nacional. Aquella obra dramatica, em que o talento original do poeta se podia já seguramente rastrear, atravez dos moldes classicos e das fórmas copiadas, que n'ella predominavam, nunca do theatro academico, onde se representou, saiu á luz da imprensa; com o que nos veio a faltar um documento valioso, ao qual, como a um padrão dos primeiros annos do poeta, houvessem de comparar-se as obras de maior vulto que depois de pouco tempo, e ainda na adolescencia, o sr. Garrett produziu e publicou.

A fórma dramatica era a que de preferencia se casava com as aspirações juvenis, e com a vocação que o sr. Garrett sentia incitar-lhe os brios de poeta. A epocha justificava em certa maneira aquella sua predilecção. Crendo-se já fadado para legar á posteridade o seu nome estampado no frontispicio de grandes obras, como que desdenhava, seguindo o rasto dos talentos mediocres, medir as suas forças, apenas nos certames da poesia lyrica, e experimentar o vigor do seu pincel e o brilho do seu primoroso colorido na miniatura do poema erotico, ou na paizagem facil da ocloga e do idyllio. A epopéa heroica, como a entendiam e a prescreviam em regras impossiveis, e em exemplos infelizes, os praxistas da rhetorica e os pallidos imitadores da musa antiga, era para o talento um caminho infamado de tantos desastres recentes, e tão cortado de maus passos, que só a mediocridade se tentaria a ceifar louros transitorios e enganadores, copiando servilmente os exemplos inimitaveis da antiguidade classica. A lyrica tinha sido cultivada largamente, e com succedimento por vezes glorioso, por muitos dos mais eminentes discipulos da Arcadia. Só o drama heroico parecêra intimidar os talentos d'aquella memoravel escola de poetas. Na brilhante pleiade de vates, que haviam illustrado os fins do seculo XVIII, como que se perderam as tradições da Melpomene portugueza, e o povo que fundára o theatro peninsular e insufflára uma vida nova na litteratura dramatica de toda a Europa, passava sem desforço pelo opprobrio de presenciar, indolente e preguiçoso, a fecundidade com que as musas dramaticas enriqueciam por aquelles tempos a litteratura enropéa, e principalmente a italiana e a franceza.

O sr. Garrett deveria pois eleger o theatro para ser o primeiro campo das suas glorias litterarias. Voltaire e Alfieri, fazendo servir os assumptos classicos á propagação das novas idéas liberaes e philosophicas, e polindo a rudeza da antiga fórma tragica pela suavidade e elegancia da musa corteza, deveriam incitar muitas vezes a phantasia do sr. Garrett a que preenchesse, n'uma litteratura tão opulenta como a nossa, a lacuna com que a deslustrava a carencia quasi absoluta de um moderno theatro nacional.

Espirito altamente liberal e philosophico, o sr. Garrett não poderia já n'aquella idade haver escapado á propaganda das modernas idéas sociaes, nem permanecer estranho á agitação patriotica, que preludiava já, nos animos viris e nas intelligencias esclarecidas, a revolução popular que pouco depois iniciou a Portugal nos enthusiasmos da liberdade. A tragedia devia tentar o genio do poeta, não só pela difficuldade do genero, senão tambem por ser a fórmula mais popular e mais accommodada ás expansões de patriotismo e de liberdade. Sob a apparencia innocente de uma fabula entretecida para enlevar o espirito, a tragedia prestava a illudir mais facilmente a censura do pensamento, e a intolerancia inquisitorial do governo absoluto. A tragedia falla ás paixões politicas pela allusão e pelo simile, quando a imprensa se cala sobre os assumptos publicos, e quando a tribuna não tem sido ainda inaugurada pela revolução; ou depois que a tem ermado a proscricção das liberdades. A historia é então a allegoria do presente. Os heroes vem, auctorizados pelas immunidades da poesia, flagellar pela espalda os tyrannos, que o pamphleto não póde verberar no rosto, nem a philippica sentenciar e punir do alto da tribuna nacional. Lucrecia, caindo ensanguentada na scena, é a accusação da tyrannia. Bruto, tapando os olhos, para não ver a cabeça de seu filho destroncada pela secure do lictor, é a apothecose das virtudes democraticas. Catão expirando em Utica é o protesto eloquente com que a liberdade succumbe, execrando o nome dos oppressores. A tragedia, parecendo deliciar apenas a imaginação, fere-a primeiro a ella, mas repercute o golpe no coração. Se falla aos instinctos poeticos, accende ao mesmo tempo ás paixões da multidão. Eschines e Sophocles mantinham, pela força imperativa do seu genio, as tradições em que se cifrava o patriotismo hellenico, e robusteciam pelos exemplos historicos, animados pela acção da scena, as crenças populares e os brios guerreiros da sua gente. Nos tempos modernos o cothurno sobrelevou na sua alta missão civilisadora e patriotica ás mil outras fórmas do pensamento litterario. As tragedias de Voltaire e de Alfieri, inspiradas pela idéa revolucionaria do seculo passado, tem direito a reclamar para si os titulos de uma valiosa collaboração na empreza de vindicar contra os oppressores os direitos imprescriptiveis da humanidade.

Por isso o sr. Garrett, depois de escripta a sua tragedia *Xerxes*, não descontinuo de cultivar o theatro heroico, e escreveu em 1819 a sua *Lucrecia*, que só se tornou publica por haver sido representada por estudantes no pequeno theatro de Coimbra. D'aquella composição dramatica ainda restam alguns fragmentos, em que ha alguns versos notaveis pela sua energia e sonoridade. Tanto a *Lucrecia*, como o *Xerxes* provavam que o poeta, ainda erudito seguidor das musas classicas e dos seus mais notaveis imitadores entre os modernos, não havia pela propria meditação proscripto as convenções da arte aristotelica, para voar, emancipado de rotineiros preceptistas, ao saber de uma inspiração original e espontanea.

É condão, ainda das mais privilegiadas intelligencias, que primeiro trilhem pela imitação as sendas conhecidas, antes de elevarem-se acima dos modelos, para adivinhar novos horisontes e aspectos novos na arte e na litteratura. Primeiro ha de o pintor pasmar diante das obras dos grandes mestres, antes que ouse trasladar para a téla os primores da sua propria imaginativa. Precisa o genio, por secundo e opulento, que o haja Deus affeiçãoado, de estudar a idéa do bello, concreta nas fórmas sensiveis e conhe-

cidas, antes de a descobrir á luz da propria phantasia no mundo subjectivo e intelligivel. Por isso os primeiros cantos do sr. Garrett denunciavam uma lyra temperada pelos tons dominantes na poesia, que era ainda popular nos primeiros annos do poeta.

O sr. Garrett, nascêra para improvisar sem interrupção a nova litteratura da sua patria sobre as ruínas da Arcadia, onde cessára havia pouco de vibrar a voz sympathica de Bocage, o mais imaginoso e o mais canoro de todos os seus representantes e pastores. O sr. Garrett pagou á musa clássica, que morria, os ultimos respeitos que se devem a uma realza gloriosa que está prestes a expirar.

A *Méropé*, que o poeta começou a escrever depois de compostas as duas tragedias já citadas, e que depois a imprensa divulgou, diz-nol-o o proprio auctor, foi calcada sobre as tragedias que do mesmo nome nos deixaram Alfieri e Maffei, e são, segundo as suas proprias reflexões, um mero reflexo d'aquelles tragicos italianos. Póde dizer-se que aquellas primeiras tragedias, foram como que os estudos do antigo, com que o cantor de *D. Branca* e de *Camões* industriava o pincel no colorido e no debuxo, para depois, nos quadros da sua mais primorosa e original maneira de pintar, temperar e corrigir a fogosa liberdade da palheta romantica pela elegancia mesurada, e pela simpleza e harmonia do cinzel greco-romano.

(Continúa.)

J. M. LATINO COELHO.

IGNOTO DEO.

TRADIÇÃO PORTUGUEZA.

II.

A INFANTA D. LEONOR.

Quatro annos eram passados, dia a dia, depois que estivemos com o leitor nos nobres paços da Alcaçova, quando uma solemnidade-similhante á que presenciemos então, tinha logar n'aquelle mesmo palacio. Que differença, porém, no aspecto da côrte d'Affonso V.

O infante D. Pedro morto, seus filhos e partidarios foragidos, e D. Isabel, posto que coroada rainha, exposta á vingança dos novos privados, os inimigos de seu pae, que por fim conseguiram envenenar-a, se não errou a voz do povo; eis o quadro luttoso da epocha, que se seguiu á sabia regencia do duque de Coimbra.

Havia, porém, sarau nos paços do Castello, em a noute de 9 de agosto de 1451, para festejar os esponsaes que, n'esse dia, acabavam de celebrar-se entre D. Leonor, filha de D. Duarte, e Frederico III, imperador de Allemanha.

Affonso V já não era então a creança que vimos nas bodas de D. Isabel e D. Brites. Alto e robusto, a sua magestosa presença inculcava mais idade do que na realidade tinha. Naturalmente lhano e de fácil accesso, o moço rei patenteava, comtudo, nos gestos e nas palavras o sêllo de uma verdadeira superioridade. Como guerreiro, mostrou depois que era um dos melhores cavalleiros do seu tempo, e o sobrenome que os contemporaneos lhe deram, recorda á posteridade as proezas do *Africano*; como estudioso, todos sabem que D. Affonso reuniu nos paços d'Evo- ra uma livraria soffrivel para aquella epocha, que foi muito dado ás sciencias e favorecedor dos sabios,

e que fallava a lingua portugueza com tal fluidez e correcção, que sempre suas fallas pareciam estudadas. Magnanimo, como nenhum outro soberano, o filho de D. Duarte queria mostrar aos embaixadores do cesar o que era a côrte de Portugal em toda a sua pompa, o ouro que cobria os seus navegadores e guerreiros d'Africa, e que a alliança solicitada havia tanto tempo pelo imperador, não nobilitava uma princeza do seu sangue, a irmã de Affonso V.

O casamento fôra contratado em Napoles, na presença de Affonso o sabio, rei de Sicilia e de Aragão, pelo doutor João Fernandes da Silveira, primeiro barão de Alvito, embaixador de Portugal; e da parte de Frederico III pelo bispo de Trieste, o barão Jorge de Vellesdorff, e Miguel Phullendorff, secretario do imperador. Concluido o contrato em 10 de dezembro de 1450, vieram a Portugal, no seguinte anno, dous capellães-do imperial noivo, para celebrarem os desposorios com a infanta D. Leonor em seu nome, por palavras de presente, como já os emissarios tinham feito em Napoles por palavras de futuro, e acompanharem a nova imperatriz a Roma, onde deviam ter logar as benções e a coroação.

Na grande sala do pavimento superior do paço, forrada de marroquim dourado, com reposteiros de damasco vermelho agaloados de ouro, e amplamente illuminada por grossos brandões de cêra, enfileirados ao longo das paredes, estavam muitos dos fidalgos que mencionamos no precedente capitulo; os embaixadores de Allemanha, Jacob Motz e Nicolau Valrensteyn; o infante D. Henrique; a rainha D. Isabel, que era um anjo de belleza, mas a quem consumia uma occulta doença; o infante D. Fernando, então duque de Beja e Salvaterra, condestavel do reino, e grão-mestre de Santiago, que amadurecia o projecto, dado pouco depois á execução, de ir ganhar gloria como soldado na praça de Ceuta; D. Brites, sua esposa; el-rei D. Affonso V, e suas irmãs, D. Leonor, D. Catharina e D. Joanna. A musica tocava sem cessar, a dansa agitava-se, posto que com certa gravidade propria do logar, as mezas preparavam-se para a ceia; emfim estava o sarau em pleno brilho.

No meio, porém, d'aquella ruidosa alegria, um vulto sinistro appareceu na grande sala. O reposteiro da entrada principal franzindo-se para um lado, deu passagem a um homem ainda moço, mas de figura cadaverica, trajando gibão de damasco alva-cento com passamanes de prata, e segurando na mão uma gorra de veludo preto, onde se via esculpida uma ara com a letra IGNOTO DEO!... Ninguém conheceria n'esse homem o gentil mancebo de ha quatro annos, João de Menezes da Silva; como já ninguém se lembrava na côrte d'aquella estrella formosissima que a abrilhantára outr'ora, D. Beatriz da Silva.

Um fidalgo se apartou do grupo dos embaixadores e ministros para ir ao encontro do recémchegado: era o conde de Portalegre.

—Que é isso, irmão; vens á festa real trajando côres de penitente, e com rosto de beguino?

—Cumpro o meu fado! E mostrou ao irmão a inscripção da sua gorra.

—Ai, João, que te não percam os altos pensamentos que os livros tem arreigado n'essa cabeça mais de escolar que de cavalleiro!... Tudo tens esquecido por esse *ignoto deo*, até a irmã, tão querida, ainda ha pouco, de teu coração, a pobre Beatriz!

—Esquecel-a, a infeliz, que, como eu, tem o seu *ignoto deo*... oh! não!... Crê-me, Diogo, nossa boa irmã soffre muito, arde n'uma paixão que a consome.

—Mas não me pedes novas d'ella?...

—Que? Chegaram noticias de Toledo? Falla, falla...

—Bem más, irmão; a filha do bom infante D. João odeia a filha de nossos paes.

E o conde narrou circumstanciadamente o que soubera de Castella a respeito de sua irmã. A rainha D. Isabel tinha-a preza em Tordezilhas, por causa das brigas que cada dia se travavam entre os senhores da côrte, pretendentes á sua mão ou ao seu amor; como se a pobre fosse culpada da formosura que Deus lhe dera, quando nem por gestos nem por palavras, animava nenhum dos competidores com a mais longiqua esperança, nem auctorisava ninguem a fazer-se seu campeão!

João de Menezes estremeceu; passou-lhe novamente pela cabeça aquella idéa sinistra, que não lhe chegou aos labios, mas que o horrorizou, no cáes da Ribeira:

—Vou escrever-lhe, disse elle a D. Diogo; felizmente que Beatriz aprendeu tambem essa divina arte, desconhecida a tantas das presumpções que ahí estão; contar-me-ha os seus males, e, fé em Deus, havemos encontrar-lhe remedio; ainda que fosse necessario perder a honra de acompanhar a imperatriz D. Leonor, e ir pessoalmente a Castella reptar quem quer que sustentasse a injustiça d'essa rainha desleal.»

Concluindo estas palavras, D. João afastou-se do conde, como quem ía meditar sobre o assumpto; mas é que o ar lhe faltava, porque na força do enthusiasmo pronunciára um nome que lhe escaldava os beiços, como a imagem representada por elle lhe abraçava o coração, e lhe desvairava a cabeça.

Caminhou para o docel, impellido por força irresistivel, e beijou as mãos d'el-rei, da rainha, e das tres infantas; quando se retirou para o outro lado da sala, estava tremulo como o criminoso diante do juiz, como o assassino ante o cadaver da victima.

Porém João de Menezes não tinha faltas de que accusar-se: criminoso só o podia ser no foro íntimo da consciencia; assassino era, mas de si mesmo.

O mancebo contemplava em extasis uma d'aquellas tres graças, molduradas em formoso arco de flores, que servia como de sobreccú ás suas almofadas de brocado de ouro. Frescas do viço da mocidade, as irmãs de D. Affonso V, formavam um grupo semelhante ao das filhas do regente, que hoje se admira na galleria de Versailles; os rostos mimosos e fascinadores que aquelles retratos copiam, não menos voluptuosos do que as rosas que lhe tecem a cerca-dura, dão idéa do quadro que o mancebo tinha diante dos olhos na epocha a que nos referimos.

D. Joanná, que apenas entrava na idade dos doze annos, já mostrava na mobilidade das feições, no rasgado dos olhos, no sorriso provocador, o que seria a futura rainha de Castella, a amante de D. Beltrão de la Cueva, de quem o pudico D. Antonio Caetano de Sousa não pôde eximir-se a dizer que era «mais desenvolta do que convinha á sua real pessoa.»

D. Catharina, de uma belleza mais classica, possuía aos quinze annos todos os attractivos da mulher; o que não evitou que morresse solteira, depois de contratada para casar por duas vezes.

A mais formosa das tres, porém, era D. Leonor, a desposada de Frederico III, que completára dezeseite annos de idade; risonha epocha da vida, quando a saude, a riqueza, o grau e a formosura, cercam de uma aureola brilhante o rosto virginal da donzella.

Cabellos louros-castanhos, descendo em graciosas espiraes, afagavam o rosto oval de D. Leonor, que

não era deslumbrante de alvura, mas cuja pelle fina, liza e transparente, como que deixava ver a circulação do puro sangue que se ía transmittir á casa de Austria; seus olhos lascivos, nem verdes nem azues, mas oscilando entre as duas côres, como o mar durante a bonança, promettiam inexauriveis gosos áquelle sobre quem se fixassem com amor. Este rosto appetitoso alteava-se garbosamente em um nariz digno da estatuaría grega; e terminava tão seductora physionomia a bôca mais de beijar, que nunca beiços rosados entre-abriram para deixar ver tão lindo marfim de dentes. A estatura da princeza era um pouco acima do usual, mas nem por isso o corpo tinha menos flexibilidade, ou seus meneios careciam de donaire. Trajava a côr purpurea dos cesares, em cujo throno ía sentar-se, e a corôa de diamantes que lhe cingia a fronte, terminava em um pequeno globo, insignia do imperio, feito do primeiro ouro que trouxeram a Portugal os exploradores da Guiné.

Todo entregue á contemplação das mil perfeições de Leonor, o irmão do conde de Portalegre não via o circulo de aulicos que se estreitava em roda d'elle, uns soletrando o distico da sua gorra, outros procurando ler-lhe no rosto o nome da mysteriosa divindade; e ali permaneceria toda a noute se a travessa Joanna não chamasse a attenção da imperatriz, sua irmã, para o alvo da admiração geral. D. Leonor côrou levemente ao encarar com o adorador de um deus ignoto, e, talvez para disfarçar a sua perturbação, porque cria ter adivinhado o segredo do mancebo, ergueu-se vagarosamente, e apoiando com languidez o seu bem torneado braço sobre o debil braço de Joanna, caminhou para o meio da sala, onde estavam em grupo, como dissemos, muitos homens da côrte.

—Senhor almirante, quando estará prompta a armada, que deve conduzir-nos a Italia? perguntou a graciosa imperatriz, em meio do silencio dos cortezãos, provavelmente com o intuito de afastar de D. João as vistas impertinentes d'aquelles homens.

—Imperial senhora, respondeu submissamente Pedro Rodrigues de Castro, que servia o cargo de almirante pelo ultimo dos Peçanhas, então residente no Algarve, são grandes as difficuldades com que temos a lutar para pôr de verga d'alto uma frota de dez naus, as maiores e as mais luzidas que nunca saíram de Lisboa; mas no principio de outubro espero que possam largar do Tejo.

—Não vos esqueça, Gomes Eannes d'Azurara, continuou D. Leonor, voltando-se para outro cortezão, de fazer chronica dos successos d'esta armada, quando concluides a dos descobrimentos de Guiné, em que andaes occupado.

—O senhor bispo Nicolau, que presente está, respondeu o chronista-mór do reino, apontando para um dos embaixadores de Frederico, já me prometteu escrever em latim a narração d'estas festas reaes e da viagem até Allemanha; sabedor, como sua reverendissima é, fal-o-ha muito melhor do que um pobre leigo, como eu.

—Não, amigo; interrompeu o infante D. Henrique, que se aproximára do grupo, não consentirei que em minha presença uses de falsas modestias, como não permittiria que outros menosprezassem as tuas letras; podes, de fronte erguida, apresentar á Europa os primeiros capitulos da tua chronica de Africa...

—Escriptos sob a direcção e insinuações de vossa alteza, apressou-se a addicionar o guarda-mór da torre do Tombo.

—Em Portugal não faltam os engenhos, nem a

cultura necessaria, disse beatificamente o bispo allemão; e quando os principes são protectores das letras, o talento desenvolve-se grandiosamente á sombra do throno.

—Aqui tendes, proseguiu o infante designando a João de Menezes, outro Vasco de Lobeira, para fazer novellas de cavallarias e amores.

—Senhor, o Amadis de Gaula é inimitavel! balbuciou D. João, tremendo de se tornar o alvo das atenções, quando ali estava o *ignoto deo* dos seus sonhos.

—Sois dos que nos acompanham a Roma, sr. D. João, disse a imperatriz com placidez; não podeis achar melhor ensejo para delinear um d'esses livros do que na viagem que vamos fazer: podeis ser ao mesmo tempo auctor e heroe do romance.

João de Menezes sentia-se desfallecer; mas aquella gente sem alma estava ali toda para lhe interpretar o menor gesto; era necessario ter coragem para se não trahir; porém soffria cruelmente, e aquella tortura não era supportavel por muito tempo. Em boa hora começaram os sacabuxas e charamelas a convidar os senhores e damas da corte para uma nova volta de dansa; o grupo desmanchou-se, e Menezes aproveitou a occasião para se retirar ao vão de uma janella, d'onde aspirava o ar fresco da noute, e adormecia o pensamento com a vista das aguas, que se balouçavam melancolicamente, lá em baixo, no seu leito profundo.

D. Leonor, sentando-se na cadeira de veludo, em cujo espaldar se viam esculpidas as insignias do imperio, com a cabeça cingida da corôa dos cesares, e envolta no manto de purpura e arminhos, olhou com tristeza para o pobre trovador, e disse consigo mesmo:

—É um louco, que póde perder-se, e perder-me... mas, sobre tudo, é muito desgraçado!... E eu?...

Esta interrogação annuviou o rosto da princeza; a resposta não lhe veio aos labios.

Entretanto o descuidoso mancebo de outro tempo, que uma paixão occulta consumia agora, apoiando a face na mão, e o cotovelo no peitoril da janella, pensava assim:

—Pobre coração, que tanto te agitas, e não estas, e não acabas por uma vez com estes delirios do pensamento, com esta paixão que todos devem ignorar, que nem mesmo quero que se suspeite... ai, coração, com quanto fogo a amas, e has de amal-a, ainda vendo-a nos braços de outro! E ella não terá adivinhado este amor? Nunca o saberá?... É impossivel que eu me não tenha trahido! E vou segui-la a Roma, á Allemanha; hei de vel-a unida a outro homem!... E sacrificio a um amor sem esperanças o socego de toda uma existencia, as mais nobres aspirações do coração!... Oh! Beatriz! minha boa irmã, é necessario salvar-te, em quanto eu mesmo me não perco. Corro a Toledo; estarei de volta em breves dias. A esquadra só parte em outubro, e a minha presença em Castella valerá de muito mais do que uma correspondencia tardia.

Cruzando a sala, com passos desiguaes, e olhando a furto para Leonor, o mancebo desapareceu por detrás das pregas do reposteiro.

Com os primeiros raios do sol cessára o ruido nos paços da Alcaçova, por haver terminado o sarau; e começava na ribeira das naus a azafama dos carpinteiros e calafates na empreitada de promptificar as dez naus, que haviam conduzir a Leorne a infanta-imperatriz. Á mesma hora um ligeiro barco atravessava o Tejo, conduzindo a Aldeia Gallega o nosso João

de Menezes da Silva, que ia a Toledo saber as causas da desgraça de sua irmã, a formosa Beatriz.

(Continúa.)

F. M. BORDALO.



SPHYNGE DE DÉLOS.

A sphynge, que a gravura representa, foi encontrada entre as ruinas de que abunda a ilha de Délos.

Esta ilha, consagrada pelo culto universal da Grecia, possuia grande numero de monumentos, de que hoje restam apenas despojos informes.

Alguns fragmentos menos deteriorados porém foram conduzidos para o museu de Egina; sendo de certo um dos mais importantes esta estatua.

Bem se conhece que não foi ella concluida, mas apenas esboçada; entretanto mesmo assim reconhece-se no precioso marmore o cunho dos grandes mestres. Toda a figura exprime com energia o contraste das formas que a tradição attribuiu ás sphynxes. A escolha dos movimentos e a delicadeza do modelado são admiraveis de harmonia, de graças e de força.

É inutil procurar a interpretação da sphynge no culto das divindades especialmente veneradas em Délos. A sphynge não pertencia á religião de Apollo e de Diana, mas ao Egypto. Os sacerdotes d'esta ultima região tinham feito da figura humana junta ao corpo de um leão, a personificação, o symbolo da Minerva egypcia, a imagem da força ligada á sabedoria, da intelligencia e do poder divinos, manifestando-se simultaneamente na criação. Os gregos adoptaram esta allegoria, e tornaram-a o symbolo da sabedoria suprema que se revela unicamente áquelles que sabem penetrar os seus segredos.

A sciencia dos primitivos tempos exprimia-se em aphorismos concisos, e cobria com a capa de verdadeiros enigmas, indecifráveis para o vulgo, as idéas mais elevadas, e as mais preciosas descobertas.

Affigura-se-nos que a estatua, cujo desenho apresentámos, pertence a uma epocha em que a antiga tradição ainda se não havia apagado. A sphynge, isolada, não era de certo decoração monumental; tinha

por si só significação e importancia. Talvez que cerasse a entrada do santuario em que só eram admitidos os iniciados. O vaso sobre o qual está encostada confirma até certo ponto esta opinião.

LITTERATURA ALLEMÃ.

TIECK.

Nasceu Tieck em Berlim, a 31 de maio de 1773. Os seus estudos dirigiram-se cedo para a litteratura antiga e moderna. Frequentou alternadamente as universidades de Halle, de Goettingue e d'Erlangen; depois voltou a Berlim, e entregou-se activamente aos trabalhos litterarios. Bem depressa se despertou n'elle o gosto pelas viagens, e já em 1797 o encontrámos em Iena, recebido como irmão por Novalis, e pelos dous Schlegel; em 1798 em Hamburgo, onde casou com a filha de um parcho protestante; em 1801, e 1802 em Dresda, publicando com Augusto Schlegel o *Almanak das musas*. Tres annos mais tarde parte para Roma, acompanhado de seu irmão Frederico, que adquiriu certa celebridade como escultor. Passou dezoito mezes na Italia, e não voltou d'ali senão depois de ter estudado com amor as obras d'arte das diversas escolas, e compulsado os numerosos manuscritos da poesia antiga allemã que encerra a bibliotheca do Vaticano. Em 1806 veio residir perto de Francfort sobre o Oder. Em 1818 partiu para Inglaterra, onde foi recebido com a maior distincção por todas as celebridades litterarias da Europa. Em 1819 estabeleceu-se em Dresda com sua familia, agraciado com o titulo honorifico de conselheiro da corte, e nomeado director do theatro, com o ordenado de 600 thalers.

«Foi ali que eu o visitei (diz o sr. X. Marmier, a quem devemos estas noticias) haverá dous annos, morando elle na praça de Altenmarkt, n'uma d'essas antigas casas allemãs, que poderá muito bem ter pertencido a alguns dos antigos Meistersanger, cujo genio tão habilmente soube reproduzir. Ha algum tempo, acha-se enfermo de uma paralyisia, que lhe veda o livre uso das pernas; mas a cabeça ainda se conserva cheia de vida e mocidade. Muitas vezes o contemplei com encanto nas suas reuniões íntimas, a que se dignava admittir-me, e n'esses famosos serões aonde todos se apressavam a concorrer para assistir ás suas leituras tão celebradas em toda a Allemanha. Estou convencido que nunca me poderei esquecer da nobre e bella expressão da sua physionomia de poeta, nem tão pouco dos clarões do genio que transluziam no seu olhar.»

Seria difficil dar conta exacta de todas as produções de Tieck; limitar-nos-hemos a indicar as principaes em cada genero.

As suas primeiras obras foram os romances *Abdallah* e *William Lovel*. Escreveu-os na idade de vinte annos, e n'elles se reconhece todo o fogo de uma imaginação ardente, os rasgos de uma alma de mancebo, na idade em que as crenças começam a vacillar, em que o mundo apparece pela primeira vez despido do seu prestigio, e em que a duvida principia a atormentar o homem.

Dous annos depois Tieck deu á luz as viagens de Sternbald: é um joven pintor de imaginação risonha e graciosa, de coração candido e sincero, que deixa sua patria, a Allemanha, para ir a Italia estudar a natureza, e os quadros dos grandes mestres; e que, fazendo a sua humilde viagem com o bordão de peri-

grino na mão, e o sacco ás costas, sem encontrar grandes perigos, sem lhe succeder nenhuma aventura tragica, nos interessa, em qualquer dos pensamentos que o preoccupam, e nos minimos successos da sua vida. Admira-se n'este romance uma graça de colorido, uma suavidade de sentimentos, que lhe dão um realce inexplicavel.

Em dous annos, Tieck tinha feito grandes progressos; o estudo e a reflexão haviam modificado muito as luctas tempestuosas de sua alma, de que *William Lovel* é a imagem energica; o amor da arte consolava-o das suas primeiras decepções; a poesia esvoaçava em torno d'elle para suavisar as dores do seu coração opprimido; o genio do bem levava de vencida o genio do mal.

O *Phantasus*, que Tieck publicou em 1815, é uma collecção de peças dramaticas alternadas com dissertações e estudos sobre a arte; de maneira, que cada pedaço de poesia está habilmente collocado para servir de texto ou exemplo áquelles estudos. É um systema de publicação mui instructivo, que já por varias vezes tem sido usado, mas que Tieck soube accommodar com rara felicidade; foi, d'entre as outras suas obras, a que obteve maiores applausos, e que os allemães nunca se cansam de ler.

Apoz estas obras de esthetica, seguiu-se uma longa serie de novellas, ás quaes Tieck deve em grande parte a sua reputação. Todos os annos publicava regularmente duas; uma na *Urania* de Leipsick, outra no *Nowellenkranz* de Berlim. Era a consuada com que costumava brindar o publico allemão. O editor que as imprimia, o gravador que as enriquecia de vinhetas, o jornalista que as commentava, e o honrado burguez que as comprava para as ler á noute a sua familia reunida em torno do fogão, estavam já habituados a esta fecundidade periodica de Tieck.

Entre os romances publicados por Tieck, todos os annos no mez de dezembro, ha muitos, que se podem classificar como modêlos de imaginação e de veia poetica. Citarei entre outros, *Os Viajantes*, novella mui graciosa, repassada de sentimento e de espirito; *As Alegrias e os soffrimentos de um musico*, *A Vida do Poeta*, etc.

Tieck tambem tratou em um dos seus romances um assumpto portuguez, e esboçou-o com as brilhantes côres, com que seu pincel divino sabia retocar os seus melhores quadros: a *Morte do Poeta*. É a historia do nosso Luiz de Camões contada com um entusiasmo, com uma graça de estylo e tal riqueza de imagens, que difficilmente se poderiam descrever, e avaliar todas as suas bellezas nos acanhados e estreitos limites de uns apontamentos biographicos (1).

As suas obras poeticas nem são menos ricas, nem menos variadas. É n'ellas que se depara com o immenso drama *Octavianus*, em que toda a idade media se vê fielmente retratada com os seus costumes ingenuos, seus castos amores, as suas piedosas superstições, seus reis cavalleiros, e seus soldados que se tornam reis. É ahi que encontrámos o drama de *Genoveva de Brabante*, formosa lenda, que Tieck conta com a maior candura e simplicidade. Ahi tambem vemos o poema *Fortunatus*, filho valido do destino; e muitas outras peças graciosas, que Tieck imitou dos contos das fadas, entre as quaes indicaremos o *Gato de botas*, o *Barba-azul*, o *Mundo revirado*, o *Chapelinho escarlata*. Esta ultima tem tido sempre

(1) Consta-nos que pessoa competente vae emprehender a versão d'esta novella. Estimámos muito poder dar esta noticia a nossos leitores, porque reputámos similhante trabalho como um mimoso presente feito á nossa litteratura.

grande voga em Allemanha; mas, fallando a verdade, não é uma peça dramatica, a menos que não queiramos considerá-la como uma allegoria.

Nunca em Allemanha se pensou em pôr esta peça em scena, não obstante Goethe ter feito representar as *Aves* de Aristophanes; comtudo, n'este pequeno drama ha uma serie de scenas admiraveis pela ingenuidade e singeleza. O monologo do lobo, e o seu dialogo com o cão valem bem as bellas paginas da novella dos *Dous cães* de Cervantes!

Além d'estas obras dramaticas, Tieck publicou mais tres volumes de poesias lyricas, nos quaes se encontra a manifestação esplendida dos seus superiores dotes como poeta imaginoso, e como litterato de consciencia.

A maravilhosa actividade de Tieck não se limitou exclusivamente a estas obras de imaginação. A Allemanha deve-lhe tambem a melhor traducção que possui do Dom Quixote, a traducção das obras de Green, de Marlowe, e de outros poetas anteriores a Shakspeare, precedida de um longo e profundo estudo sobre estes poetas e suas obras. Deve-lhe igualmente um excellente trabalho sobre os Minnelieder da Suabia, a publicação de varias peças do antigo theatro allemão; as obras do philosopho Scholger, que comprehendeu conjuntamente com o seu amigo Raumur; a das obras de Lenz, Novallis, e Kleist, tres poetas tão interessantes pelo genio com que a natureza os havia dotado, como pelo seu infortunio: pois o primeiro enlouqueceu, o segundo morreu de dissabores, e o terceiro suicidou-se.

Assim terminou, ainda ha bem pouco tempo, a larga vida d'esse homem tão distincto, a quem a Allemanha consagrou sempre a maior veneração, e dedica hoje uma especie de culto.

G. C.

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

RELAÇÕES ENTRE O POVO E O SOBERANO NO SEculo XV.

Nas côrtes, que se celebraram em Lisboa em fevereiro de 1498 para decidir sobre a conveniencia da partida d'el-rei D. Manuel, e da rainha D. Isabel para Castella, a fim de ahí serem jurados principes herdeiros d'aquelles reinos, trataram-se varios outros assumptos, depois de resolvida a questão principal.

Os tres estados aproveitaram a occasião para requerer á corôa algumas concessões, entre outras a abolição das sizas e da maior parte das coutadas, dizendo a respeito d'estas: «Que ho povo recebe muito dâno por nos regnos haver muitas coutadas, e officiaes dellas, polo que reservando algumas para desporto delRei, lhe pedem desquite has outras, ficando guardadas has coutadas das pessoas particulares.»

Recusou el-rei acceder ao primeiro pedido, allegando muitas razões de utilidade publica. Ao segundo satisfiz na forma requerida.

Tambem as côrtes representaram contra o uso dos facultativos receitarem em latim, pedindo que fossem prohibidos de o fazer, ao que el-rei deferiu, impondo multas e perda do officio, tanto aos facultativos que contraviessem as novas determinações, como aos boticarios que aviassem taes receitas.

O mais singular, porém, de todos os requerimentos que estas côrtes dirigiram ao soberano foi para que diminuísse o numero dos seus criados. O pedido

era concebido n'estes termos: «Que não trouxesse tantos officiaes e moradores, e hos quizesse reduzir a menos conto.»

El-rei respondeu: «Hos mais dos nossos moradores forão criados delRei meu Senhor e primo, hos quaes não podemos deixar de agasalhar, porque seria crueza fazermos ho contrario, hos outros são de nossa caza, com outros que nos recrecerão, de que nos não podemos excusar: mas posto que nosso desejo seja fazer a todos mercê, por disso levarmos grande gosto, com tudo daqui por diante folgaremos de continuar na melhor maneira, que podermos.»

O requerimento dá prova exuberante do modo por que o povo velava pelos seus interesses e direitos, e mostra a liberdade com que então se fallava ao soberano. A resposta d'este tambem dá solemne testemunho da benignidade do nosso governo, e da consideração em que o povo era tido pelo monarcha, n'uma epocha em que os populares eram tratados em quasi toda a Europa mais como escravos do que como homens livres.

Julgo que em nenhuma outra monarchia d'esse tempo ousaria alguém, isoladamente ou em corporação, requerer ao rei a reforma da sua casa, a diminuição da sua familia. Mas o que sem duvida se pôde affirmar é que fóra de Portugal nenhum soberano toleraria semelhante ingerencia nos seus negocios domesticos, ou pelo menos nenhum se escusaria nem mais urbanamente, nem de uma maneira mais propria para consignar aquella ingerencia como um direito popular.

Entretanto para se avaliar o procedimento das côrtes é necessario saber as razões, que lhe serviram de fundamento. Fazel-as-hei conhecer, dando uma noticia das pessoas de que se compunha a familia d'el-rei D. Manuel, ou que recebiam do seu patrimonio, no começo do anno de 1518, e a da rainha D. Maria, sua segunda mulher, ao tempo do seu fallecimento.

Cavalleiros do conselho 369. N'este numero entravam todos os officiaes môres e menores, bem como os camareiros, aios, e guarda-roupas do principe e infantes. Escudeiros fidalgos 109; moços fidalgos 200; outros moços 8; escudeiros 43; moços da camara 138; capellães 33; medicos e cirurgiões 6.

A rainha D. Maria tinha 12 capellães, e 16 moços da capella; 27 damas, entrando a camareira; 7 moças da camara; 11 criadas de outras denominações; 25 officiaes môres e menores; 3 reposteiros de camas; 8 homens da camara; 43 moços da camara; 6 porteiros; 15 reposteiros; 13 moços da estribeira; 7 officiaes mechanicos (ourives, alfaiate, sapateiro, etc.); 9 officiaes da cosinha (cosinheiro mór, e menores, porteiros, etc.)

Em tempo de D. João III ainda cresceu muito o numero dos familiares e empregados do paço, pois que só a capella d'este monarcha contava 148 capellães e 123 moços. A casa de seu irmão, o infante D. Luiz, constava de 36 capellães, 11 moços da capella, 27 fidalgos cavalleiros, 12 fidalgos escudeiros, 22 moços fidalgos, 22 cavalleiros fidalgos, 80 cavalleiros, 32 escudeiros fidalgos, 46 escudeiros, 7 medicos e cirurgiões, 1 monteiro a cavallo, 203 moços da camara, 8 porteiros da camara, 26 reposteiros, 8 trombetas, 9 moços do monte, 36 moços da estribeira, 5 cosinheiros, 2 moços da copa, 1 moço da fazenda, 1 official do thesouro, 6 homens da mantieira, 2 do armador mór, 2 do guarda reposte, 6 varredores, 5 moços da caça, 2 armeiros, 1 regueifeira, 1 lavandeira e 1 varredeira; ao todo 632. Os officiaes

móres e menores vão incluídos nos cavalleiros e es-
cudeiros.

As casas dos infantes D. Duarte e D. Fernando, também irmãos d'el-rei D. João III, compunham-se, a primeira de 191 pessoas, e a segunda de 206.

Todavia, por mais avultadas que pareçam estas sommas, é certo que ficam ainda muito áquem da totalidade dos criados d'el-rei D. João V. O auctor da *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, tratando da jornada d'aquelle soberano á fronteira do Alemtejo, por occasião do encontro das duas familias reaes de Hespanha e Portugal, e troca das princezas do Brazil e Asturias, que tiveram logar no Caia, diz o seguinte: «Todos os coches e berlindas da casa real eram tirados por frizões. Seguiam-se cento e trinta seges da familia da casa real, que haviam ido servindo em diversas occupaões n'esta jornada; sendo tão numerosa, que basta dizer que na cavallariça havia mais de novecentos e sessenta criados, sómente pertencentes a ella, que mantia mais de mil seiscentas e quarenta bestas. E não fallando nos criados de fôro nobre, senão de reposteiros, moços da prata, e outros semelhantes, passavam de seiscentos e setenta, deixando á parte os officiaes menores da casa real, e outros semelhantes, quarenta e tantos moços da camara, medicos, cirurgiões, clérigos, criados particulares, e outras muitas pessoas do serviço nobre da casa real, porque não é nossa tenção entrar a descrever a magnificencia, riqueza e profusão d'este ditoso dia, mas sómente dar uma idéa do que foi aquella jornada, para satisfazer aos curiosos.»

Quem vê o palacio real das Vendas Novas, feito expressamente para n'elle pernoutar el-rei D. João V e sua familia por occasião d'aquella viagem, fica absorvido diante de um tal edificio. Não pôde comprehender para que fossem necessarios aposentos tão vastos, tão grandes salas, tanta infinidade de quartos, que mais parecem dormitórios de um convento, cozinhas de tal capacidade, que bem á vontade se podia fazer n'ellas o jantar para um numeroso exercito, e cavallariças onde hoje se podia accommodar toda a nossa cavallaria. Porém quando se lê na citada obra a relação das pessoas, que acompanharam el-rei, tanto da sua familia, como da côrte, além de quinhentos soldados de cavallo, acha-se então a explicação do enigma.

I. DE VILHENA BARBOSA.

A DRAINAGEM E SUA UTILIDADE.

Drainagem, vocabulo francez, que não tem correspondente na nossa lingua, é a operação pela qual se procura ás chuvas e ás fontes um escoamento facil através do solo, até uma profundidade e distancia em que não podem ser nocivas. Chamam também os francezes *drains* aos regos ou vallas abertas para o escoamento das aguas; e, por extensão, dá-se o mesmo nome aos tubos de barro que hoje se empregam geralmente em vez dos meios antigamente usados.

A *drainagem*, enxugando as terras encharcadas, frias, humidas e argilosas evita as estagnações e fermentações putridas, causas notorias de emanações insalubres, de affecções climatericas e de vegetações parasiticas. Augmenta ao mesmo tempo, e necessariamente, a quantidade, a qualidade e o valor dos productos do solo.

Comprehender-se-ha facilmente a influencia da *drainagem* sobre a salubridade e as condições climatericas, quando se reflectir: 1.º que a agua estagna-

da impede que o calor penetre o solo, esfriando-o por consequencia; 2.º que a sua evaporação resfria consideravelmente as terras, pois que é sabido que a agua não pôde evaporar-se sem roubar aos corpos circumjacentes grande parte do seu calor; 3.º que a humidade do solo neutralisa o benefico effeito dos orvalhos, que se não formam em superficies polidas, mas sim em terrenos divididos em partes tenuissimas, e que apresentam grande numero de faces, como a areia, o terriço etc.; 4.º que a presença da agua no solo augmenta o effeito da refração, causa essencial do esfriamento dos corpos durante as noites serenas e as neblinas, que tão perniciosas são ás plantas; 5.º por meio da *drainagem* as chuvas fazem descer ao interior da terra o calor da superficie; 6.º finalmente a *drainagem*, impregnando de um estado medio de humidade as camadas inferiores do solo, attenua o resultado da falta de chuvas no verão.

Os effeitos da *drainagem* sobre a economia agricola e domestica não são menos importantes que os seus effeitos sobre a salubridade e o clima. Elevando a temperatura media do solo, e restituindo a plenitude de sua acção fecundante ao calor solar, ao ar, aos orvalhos e ás chuvas outomnaes, apressa o amadurecimento dos fructos, e melhora-os consideravelmente.

Além d'isto a *drainagem* regularisa o regimen das aguas, e tirando-lhes as propriedades nocivas, converte-as em effeitos uteis. Equivale também a um aprofundamento do solo, proporcionando-lhe o conveniente grau de divisão e de humidade. Diminue por esse motivo as despesas de amanho, pois que o resultado que por meio d'ella se obtem equivale ao que se procura alcançar mediante uma serie de trabalhos difficeis e dispendiosos sempre.

Fazendo cessar a estagnação das aguas, a *drainagem* previne a fermentação que apodrece as raizes, e produz substancias perniciosas para as plantas. Diminue igualmente a mortalidade do gado, que adquire nas pastagens humidas numerosas enfermidades, mórmente affecções pulmonares; e previne a multiplicação dos insectos que o martyrisam.

Os resultados economicos da *drainagem* são consideraveis, compensando largamente as despesas que occasiona. As colheitas muitas vezes duplicam e outras triplicam.

Uma serie de experiencias rigorosas tem demonstrado a exactidão d'estas informações; e os mais habéis agricultores, assim francezes como inglezes, não hesitam em reconhecer francamente as enormes vantagens que semelhante systema proporciona.

O custo da *drainagem* nas localidades em que o preço da mão de obra é regular, ou modico, varia em França, segundo as circumstancias, entre 140 e 240 francos por hectare, sendo 70 francos, proxima-mente, o custo dos tubos de barro. Deve comtudo notar-se que é possivel, havendo bom methodo e boa direcção nos trabalhos, reduzir estas despesas ao minimo.

O Senhor não fará accepção de pessoa contra o pobre, e elle attenderá a deprecação do offendido.

Não desprezará os rogos do orfão; nem a viuva, se derramar voz de gemido.

Acaso não correm as lagrimas em fio á viuva pelas faces abaixo, e não clama ella contra aquelle que lhas fez derramar? Porque ellas do rosto da viuva sobem até o céu, e o Senhor que a ouve não gostará de a ver chorar.

ECCLES. XXXVI, 16 A 19.